

O encontro com o Cristo-cabeça pelas transmissões de ações litúrgicas

Marcos Vieira das Neves – Mestre – PUC-SP¹

Resumo: A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II afirma que, desde Pentecostes, a Igreja nunca deixou de se reunir em assembleia para celebrar o Mistério Pascal (SC 06). Do lado de Cristo adormecido na cruz nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja que o faz sempre presente nela, especialmente nas ações litúrgicas: está presente no sacrifício da missa na pessoa do ministro, porque aquele que se oferece, agora, pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz (SC 07). As ações litúrgicas, em seu caráter essencialmente comunitário e senciente (Zubiri) promove o encontro com Cristo na pessoa daquele que preside. Porém, a situação atual, carregada de ações litúrgicas realizadas e transmitidas pela TV ou on-line por redes sociais, nos desperta a pergunta: é possível o encontro com Cristo na pessoa daquele que preside quando acompanhamos uma ação litúrgica, sobretudo a missa, transmitida? Objetivando sistematizar argumentos que nos ajudem a responder tal questão, esta investigação muito mais que responder com um simples sim ou não quer fundamentar solidamente a questão, utilizando a metodologia hermenêutica para análise das afirmações trazidas pela *Sacrosanctum Concilium*, a encíclica *Mysterium Fidei* e textos afins.

Palavras-chave: Ações litúrgicas. Encontro. Transmissão. Cristo-cabeça. Ministros.

Abstract: The Constitution *Sacrossantum Concilium* on the sacred liturgy of the 2nd Vatican Council states that since Pentecost the Church has always gathered in assembly to celebrate the Mystery of Easter (SC 06). From Christ's side on the cross the admirable sacrament of the entire Church was born which makes that Mystery present in her, especially in liturgical acts: it is present in the person of the minister because the one that now offers himself due the priestly minister is the same that offered himself on the cross (SC 07). Liturgical acts, in their essentially communitarian and sentient character, afford the encounter with Christ in the person who presides over. However, the actual situation, signed by liturgical acts performed and broadcasted by television or social medias, awakes in us the question: is it possible the encounter with Christ in the person who presides over when we watch a broadcasted liturgical act, especially the Mass? Aiming to systematize the arguments which help to answer that question, this research beyond to state "yes" or "no" tries to fundament the question using a hermeneutic methodologic to analyze the statements brought about by *Sacrossantum Concilium*, the encyclical letter *Mysterium Fidei* and related texts.

Keywords: Liturgical acts. Encounter. Broadcasting. Christ-head. Ministers.

INTRODUÇÃO

A pergunta que sempre fazemos é: será que uma ação litúrgica, por exemplo a missa que acompanhamos pela TV ou por alguma rede social, "vale do mesmo jeito" que a aquela que participamos reunidos em assembleia num mesmo espaço físico? O que se propõe com

1 Mestre, PUC-SP, pemarcosneves@gmail.com

esse artigo é investigar alguns documentos da igreja e literatura afim para justamente clarear a questão. No entanto, o foco será o encontro com o Cristo-cabeça pelas transmissões de ações litúrgicas. Ou seja, fazer uma análise do encontro com Cristo na pessoa daquele que preside quando acompanhamos a ação litúrgica pela TV ou rede social.

Se observamos a Constituição *Sacrosanctum Concilium* vemos que ela diz no seu parágrafo 7 que Cristo está presente nas ações litúrgicas na pessoa do ministro. Tal afirmação apresenta-se da seguinte forma: “Cristo está sempre presente na sua igreja [...] no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – ‘O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz’” (SC 7). A SC faz isso citando o Concílio de Trento, em sua 22ª sessão, que trata da doutrina e cânones da missa, onde afirma: “pois quem se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz” (DH 1740) – o Cristo-Cabeça.

A SC traz tal afirmação de forma muito concisa. No entanto, a encíclica *Mysterium Fidei*, do Papa Paulo VI, de uma forma um pouco mais extensa, propicia compreender que Cristo está presente na Celebração Eucarística na pessoa do presidente, por ele desempenhar a função de dirigir e governar, em nome de Jesus Cristo, o Novo Povo de Deus, que compõe o Seu corpo. Aqui já podemos lançar algumas interpretações sobre a questão proposta observando o ponto de vista da presença de Cristo-Cabeça, visto que a MF diz que Cristo está presente na sua Igreja, enquanto dirige e governa o povo de Deus (MF 34-47). Não existindo assim quem dirigir em uma ação litúrgica, se na mesma não houver povo.

De Cristo deriva o poder sagrado, e Cristo, “Pastor dos Pastores”, assiste os Pastores que o exercem tal poder na sua pessoa, tanto que esta foi a promessa que Ele fez aos apóstolos (MF 37) – “Eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). Porém, o exercício deste serviço subentende a existência de uma outra parte. No caso, a assembleia constituída.

As afirmações da *Sacrosanctum Concilium* e da *Mysterium Fidei* asseguram a presença de Cristo na Celebração Eucarística. Mas é o Decreto *Presbyterorum Ordinis* que vai mostrar, de forma mais direta, que essa presença de Cristo se dá no serviço do presbítero (CIC 1142). Este decreto do Vaticano II apresenta de forma objetiva, porém sem deixar de considerar as nuances sistemáticas teológicas da questão, os pontos principais que conduzem a compreender o encontro com Cristo na pessoa daquele que preside.

1 O ENCONTRO COM O CRISTO-CABEÇA PELAS TRANSMISSÕES DE AÇÕES LITÚRGICAS

O decreto, ao falar do presbiterato, no parágrafo 2, afirma que o Senhor Jesus, “a quem o Pai santificou e enviou ao mundo” (Jo 10,36), tornou participante todo o seu Corpo místico da unção do Espírito com que Ele mesmo tinha sido ungido. Desta forma, no Corpo Místico de Cristo todos os fiéis se tornam sacerdócio santo e real, oferecem vítimas a Deus por meio de Jesus Cristo e anunciam as virtudes d’Aquele que os chamou das trevas para a sua luz

admirável. Bem por isso, não existe nenhum membro que não tenha parte na missão de todo o corpo, mas cada um deve santificar Jesus no seu coração e dar testemunho de Jesus com espírito de profecia (PO 2).

Poderíamos trazer presente aqui o pensamento de Giraud que afirma que Deus e o homem, cada um por seu lado, são um conjunto de relações, subsistente em grau e em medidas diversas (GIRAUDO, 2003, p. 38). E aplicando isso à liturgia, a partir do já mencionado no parágrafo anterior, vemos que para que o encontro aconteça, de fato, com este outro que está diante de mim, no caso Cristo-cabeça, é imprescindível que exista este outro diante de mim.

Para ficar mais claro, façamos um diálogo com a filosofia. Buber, por exemplo, afirma que o encontro sempre é dialógico e a relação é esse encontro que se atualiza. Isto é, a relação é um diálogo onde o encontro sempre se dá. E esse encontro-relação, possui uma força tão grande que, tal força poderia ser até mesmo considerada o *dabar* da Bíblia – uma força que gera toda a vida e a sustenta encontro a encontro. O meu eu – que poderíamos dizer aqui é o *de suyo* de Zubiri, o que tenho de próprio – se realiza na relação com a outro, e este outro, é um Tu diante de mim (BUBER, 2001, p. 57). Repetimos, diante de mim e não atrás de uma câmera. Não tem como atingir tal nível de reciprocidade, neste corpo, ligado aos outros membros, com a cabeça por meio de uma TV ou tablete, por exemplo. Até porque o outro que está diante daquele que preside não é outro membro do corpo, mas sim, este outro, é um equipamento eletrônico tecnológico.

Nosso Senhor, para que formassem um corpo, no qual “nem todos os membros têm a mesma função” (Rm 12,4), constituiu, dentre os fiéis, alguns como ministros. E, assim, enviando os Apóstolos, do mesmo modo como Ele tinha sido enviado pelo Pai, através dos mesmos Apóstolos, tornou participantes da sua consagração e missão os sucessores deles, os Bispos, cujo cargo ministerial, em grau subordinado, foi confiado aos presbíteros, para que, constituídos na Ordem do presbiterado, fossem cooperadores da Ordem do episcopado para o desempenho perfeito da missão apostólica confiada por Cristo (PO 2).

Por isso, o ministério dos sacerdotes, enquanto unido à Ordem Episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa o seu corpo. E bem edificado, o sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial, em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um carácter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça (PO 2). No entanto, na ação litúrgica, a cabeça está inteiramente ligada ao corpo no encontro (senciente).

O *Presbyterorum Ordinis* diz que é no serviço que o presbítero exerce que se pode ver como o encontro se dá – “serviço este que o assemelha a Jesus Cristo” (PO 2). O decreto afirma, nos dois últimos parágrafos do número 2, que participando, a seu modo, do múnus dos apóstolos, os presbíteros recebem de Deus a graça de serem ministros de Jesus Cristo no meio dos povos, desempenhando o sagrado ministério do Evangelho, para que seja aceita a oblação

dos mesmos povos, santificada no Espírito Santo. Com efeito, o Povo de Deus é convocado e reunido pela virtude da mensagem apostólica, de tal modo que todos quantos pertencem a este Povo (LG 9), uma vez santificados no Espírito Santo, se oferecem como “hóstia viva, santa e agradável a Deus” (Rm 12, 1) e realizem verdadeiramente o encontro (PO 2).

Entretanto, é pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, enquanto se espera a vinda do próprio Senhor. Para isso tende e nisso se consuma o ministério dos presbíteros. Com efeito, o seu ministério, que começa pela pregação evangélica, tira do sacrifício de Cristo a sua força e a sua virtude, e tende a fazer com que toda a cidade redimida, isto é, a congregação e a sociedade dos santos, seja oferecida a Deus como sacrifício universal pelo grande sacerdote, que também se ofereceu a si mesmo por nós na Paixão para que fôssemos o corpo de tão nobre cabeça (CIC 1536-1571; PO 2). Deste modo não tem como dizer que tal ação é capaz de acontecer em uma forma mediada por uma transmissão, a qual se dá sempre de modo unilateral.

Aquele que preside a Celebração Eucarística, pelo serviço que presta, é a própria figura de Cristo no meio da comunidade – uma comunidade fisicamente presente. Em uma transmissão o presidente não sabe nem quem está do outro lado. Como pode existir reciprocidade na relação com esse povo? Como esta ação eucarística pode estar promovendo um verdadeiro encontro? PO diz que os presbíteros, quer se entreguem à oração e à adoração, quer preguem a palavra de Deus, quer ofereçam o sacrifício eucarístico e administrem os demais sacramentos, quer exerçam outros ministérios a favor dos homens, concorrem, não só para aumentar a glória de Deus, mas também para promover a vida divina nos homens. Esse encontro amoroso faz isso em ambas as vidas, inclusive na dos pastores (PO 2). O que não é alcançado numa transmissão, porque o princípio de dirigir a palavra e responder ao apelo dado por um “entre”, um contato vivido, não existe. Não existe aí vínculo.

Ainda em relação a esta presença de Cristo, associada ao ministério do presbítero, o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, afirma, ao falar dos presbíteros no mundo, que os mesmos, tirados dentre os homens e constituídos a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados, convivem fraternalmente numa relação de encontro com os restantes homens (GODOY, 2012, p. 49-52). Assim também o Senhor Jesus, Filho de Deus, enviado pelo Pai como homem para o meio dos homens, habitou entre nós e quis assemelhar-se em tudo aos seus irmãos, menos no pecado (PO 3).

Já os Apóstolos imitaram Jesus, e São Paulo, doutor das gentes, “escolhido para anunciar o Evangelho de Deus” (Rm 1,1), atesta que se fez tudo para todos, para ganhar o maior número possível (1Cor 9, 19-23). Os presbíteros do Novo Testamento, em virtude da vocação e ordenação, de algum modo são segregados dentro do Povo de Deus, não para serem separados dele ou de qualquer ser humano, mas para se consagrarem totalmente ao encontro e à obra para que Deus os chama (PO 3).

Fazendo referência a *Lumen Gentium* no seu número 28, o decreto é bem categórico ao afirmar que os presbíteros não poderiam ser presença de Cristo, e não se poderia fazer o encontro com Cristo neles, se não fossem testemunhas e dispensadores duma vida diferente da terrena, e nem poderiam servir os homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações (PO 28). O seu próprio ministério não só exige, por um título especial, que não se conformem a este mundo, mas que também vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer aquelas que não pertencem a este redil, para que também elas ouçam a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só pastor (PO 3). O que exigem, na liturgia uma assembleia reunida.

Neste ponto, o decreto afirma que para os Presbíteros conseguirem atingir o supra-citado, muito importam as virtudes que justamente se apreciam no convívio humano e na realização do encontro, como são a bondade, a sinceridade, a fortaleza de alma e a constância, o cuidado assíduo da justiça, a delicadeza², e outras que o Apóstolo Paulo recomenda quando diz: “Tudo quanto é verdadeiro, tudo quanto é puro, tudo quanto é justo, tudo quanto é santo, tudo quanto é amável” (Fl 4,8), tudo quanto é de bom nome, toda a virtude, todo o louvor da disciplina, tudo isso pensai (PO 3).

O Concílio Vaticano II, ao falar da constituição hierárquica da Igreja, no capítulo III, da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, também apresenta essa concepção de Presença de Cristo naquele que preside, especificamente no Presbítero, pelo serviço que ele presta à edificação do Reino. A Constituição afirma que, por meio dos Seus Apóstolos, Cristo, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo (Jo 10,36), tornou os Bispos, que são sucessores daqueles, participantes da Sua consagração e missão e estes transmitiram legitimamente o múnus do seu ministério em grau diverso e a diversos sujeitos (LG 28).

Assim, o ministério eclesial, instituído por Deus, é exercido em ordens diversas por aqueles que desde a Antiguidade são chamados Bispos, presbíteros e diáconos. Os presbíteros, por sua vez, embora não possuam o fastígio do pontificado e dependam dos Bispos no exercício do próprio poder, estão unidos na honra do sacerdócio e, por virtude do sacramento da Ordem, são consagrados à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote, para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento (LG 28). Bem por isso, o encontro com Cristo se dá na sua pessoa quando preside (LOPES, 2011. p. 95-96).

Detalhando um pouco os serviços, a *Lumen Gentium* diz que os presbíteros participantes, segundo o grau do seu ministério, da função de Cristo mediador único, anunciam a todos a palavra de Deus. Mas é na ação litúrgica, na celebração eucarística, que exercem principalmente o seu múnus sagrado; nela, atuando em nome de Cristo e proclamando o Seu mistério, unem as preces dos fiéis ao sacrifício da cabeça e, no sacrifício da missa, representam e aplicam, até à vinda do Senhor, o único sacrifício do Novo Testamento, ou seja, Cristo oferecendo-se, uma vez por todas, ao Pai, como hóstia imaculada (LG 28).

2 A falar do EU-TU, Buber indica qualidades semelhantes em sua obra (BUBER, 2001. p. 51-138).

Aqueles que presidem vivem o encontro e são a própria figura de Cristo ao exercem ainda, por título eminente, o ministério da reconciliação e o do conforto para com os fiéis arrependidos ou enfermos, e ao apresentarem a Deus Pai as necessidades e preces dos crentes. Desempenhando, segundo a medida da autoridade que possuem, o múnus de Cristo pastor e cabeça, reúnem a família de Deus em fraternidade animada por um mesmo espírito e, por Cristo e no Espírito Santo, conduzem-na a Deus Pai. No meio do próprio rebanho adoram-No em espírito e verdade. Trabalham, enfim, pregando e ensinando, acreditando no que leem e meditam na lei do Senhor, ensinando o que creem e vivendo o que ensinam (LG 28).

A Constituição ainda exorta os Presbíteros a fazerem o encontro, velando, como pais em Cristo, pelos fiéis que espiritualmente geraram pelo Batismo e pela doutrinação. Fazendo-se, de coração, os modelos do rebanho, de tal modo realizem o encontro na sua comunidade local, que ela possa dignamente ser chamada com aquele nome com que se honra o único Povo de Deus todo inteiro, a saber, a Igreja de Deus (LOPES, 2011, p. 95-96). Na relação, encontro atualizado a cada dia, não se esqueçam de apresentar aos fiéis e infiéis, aos católicos e não-católicos, a imagem do autêntico ministério sacerdotal e pastoral, de dar a todos testemunho de verdade e de vida, e de procurar, também, como bons pastores, aqueles que, embora batizados na Igreja católica, abandonaram os sacramentos, ou, até mesmo, a fé (LG 28).

Deve-se observar que a unidade faz parte do encontro. Por isso, para que de fato seja presença real de Cristo junto ao Novo Povo de Deus, dado que o gênero humano deva caminhar hoje cada vez mais para a unidade política, económica e social, tanto mais necessário é que os sacerdotes, em conjunto e sob a direção dos Bispos e do Sumo Pontífice, evitem qualquer motivo de divisão, para que a humanidade toda seja conduzida à unidade da família de Deus (LG 28).

Para caminhar em direção a um fecho desta investigação acerca do encontro com Cristo nas ações litúrgicas na sua forma de presença naquele que preside, tomam-se agora as contribuições apresentadas pela Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* do Papa Bento XVI. A Exortação apresenta, de forma muito clara, a questão da presença de Cristo naquele que preside com relação à ação litúrgica da Celebração Eucarística (SCa 23).

No número 23, a *Sacramentum Caritatis* afirma que o vínculo intrínseco entre a Eucaristia e o Sacramento da Ordem deduz-se das próprias palavras de Jesus no Cenáculo: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19). Na vigília da sua morte, Ele instituiu a Eucaristia e, ao mesmo tempo, fundou o sacerdócio da Nova Aliança. Jesus é sacerdote, vítima e altar: mediador entre Deus Pai e o povo, vítima de expiação que Se oferece a Si mesma no altar da cruz. A exortação diz, fazendo uso de Hebreus 8-9, que ninguém pode dizer “isto é o meu corpo” e “este é o cálice do meu sangue” senão em nome e na pessoa de Cristo, único sumo sacerdote da nova e eterna Aliança (SCa 23). A ligação entre a Ordem sacra e a Eucaristia é visível precisamente na Celebração Eucarística que o bispo ou o presbítero preside na pessoa de Cristo cabeça – *in persona Christi capitis* (PO 2; LG 28; SCa 23).

Ao dizer que a doutrina da Igreja considera a ordenação sacerdotal condição indispensável para a celebração válida da Eucaristia, a Exortação diz categoricamente que no presbítero que preside faz-se o encontro com Cristo, pois ele é o sacramento da presença de Cristo. De fato, no serviço eclesial do ministro ordenado, é o próprio Cristo que está presente em sua Igreja, como cabeça do seu corpo, pastor do seu rebanho, sumo sacerdote do sacrifício redentor. Certamente o ministro ordenado age também em nome de toda a Igreja, quando apresenta a Deus a oração da mesma Igreja e, sobretudo, quando oferece o sacrifício eucarístico (SCa 23).

Por isso, é dever daquele que preside nunca colocar em primeiro plano a sua pessoa nem as suas opiniões, mas Jesus Cristo. Ele é servo e deve continuamente empenhar-se por ser sinal de que, como dócil instrumento nas mãos de Cristo, aponta para Ele. Isto se expressa de modo particular na humildade com que o presidente conduz a ação litúrgica, obedecendo ao rito, aderindo ao mesmo com o coração e a mente, evitando tudo o que possa dar a sensação de um seu inoportuno protagonismo (SCa 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi investigado, pode-se dizer que o encontro com Cristo é possível na Sua presença naquele que preside, “enquanto preside” as ações litúrgicas, de modo particular a Celebração Eucarística, pois o ministério daquele que preside, seu serviço, é um serviço humilde a Cristo e à sua Igreja. O presidente é, portanto, o Cristo Bom Pastor, que oferece a vida pelas ovelhas (SCa 23). Não é um “senhor de estado”, tão pouco um apresentador de programa de entretenimento, mas pastor do povo de Deus, e, levando homens e mulheres ao encontro, é pastor de todo ser humano (PAPA FRANCISCO, 2017). Porém, isso em uma ação litúrgica onde os membros do corpo se unem ao Cristo-cabeça na pessoa daquele que preside. Já quando acompanhamos uma ação litúrgica por uma rede social ou pela TV, se aplicarmos os princípios filosóficos e teológicos que definem um encontro, isso não acontece.

Um dos primeiros princípios que caracteriza o encontro, é o da reciprocidade, que não existe. Por mais que possamos dizer que a palavra possa ser um alimento para aquele que acompanha uma ação litúrgica assim, o encontro com Cristo, na sua presença naquele que preside, não existe. Por aí, já começamos a ver, por exemplo, que participar de uma missa pela TV ou outra mídia, não é a mesma coisa que estar em uma assembleia reunida.

O encontro é um diálogo, e esse diálogo é um “entre”. E para que esse entre aconteça é necessário o fenômeno da resposta. “Entre” e práxis se confundem, é como se o encontro fosse inter-ação. E essa resposta, pode ser o amor, porém não um sentimento, mas algo que acontece entre os dois lados – não mais só na esfera do Eu ou do Tu, do presidente da ação litúrgica ou do outro membro do corpo – na esfera do nós. (BUBER, 2001, p. 38).

Como nasce um corpo, uma comunidade? O verdadeiro “entre” não se dá por um olhar na direção do outro. A verdadeira comunidade, embora não nasça sem que as pessoas tenham sentimentos umas para com as outras, não é isso que a consolida e sustenta. O verdadeiro

“entre”, a verdadeira comunidade, nasce a partir de dois pontos: um é o de estarem unidas umas às outras em relação viva e mútua; o outro é o de estarem todos em relação viva e mútua com um centro vivo. (BUBER, 2001, p. 39).

Aplicando o pensamento de Zubiri, o ser humano se entrega a Deus a partir de si mesmo em toda a sua concretude individual, social e histórica. Possuindo uma fé constitutivamente concreta, este ser humano, faz a experiência do encontro com seu Deus na comunidade – Deus é experienciado na comunidade. O ser humano se entrega a Deus-doação em acatamento, suplica e refúgio. Este é o encontro do ponto de vista do ser humano na comunidade (Zubiri, 2012b, p. 222-227).

O ser humano se realiza na comunidade, na relação intersubjetiva dele com o outro. Não com um tablete ou TV. A comunidade, efetivada pela força do encontro, faz com que seus membros, se tornem o que realmente são, ao fazer que os mesmos entrem na esfera do nós. O membro do corpo não é aniquilado em sua existência pelo espírito da comunidade. Pelo contrário, ela o promove. A comunidade depende da realização dos seus membros na sua singularidade. Tanto o membro como a Comunidade realizam-se no encontro, são interdependentes e “equifundantes” da existência humana.

Para que haja a relação, o encontro atualizado, é necessário o elemento da totalidade, que não é apenas a soma dos membros da assembleia, mas, sim, totalidade do próprio participante no encontro. Totalidade é um ato totalizador, uma con-centração em todo o seu ser. Somente o ser humano, que é totalidade, que age, está apto para o encontro. Não há como atingir essa totalidade com um equipamento eletrônico. A totalidade é a independência da própria relação em face dos outros membros do corpo. No entanto, sendo relativa esta independência, cada membro do corpo considerado isoladamente é pura abstração. Essa totalidade de corpo poderíamos dizer que é a unidade do corpo, ou seja, é comunhão. Comunhão entre os seus membros e entres os membros com a cabeça, não com uma televisão.

O encontro com Cristo na pessoa do ministro requer um diálogo, uma reciprocidade – requer os dois lados se entregando e respondendo ao chamado. Portanto, fica evidente que o encontro com Cristo na pessoa daquele que preside em uma transmissão da ação litúrgica simplesmente não existe.

REFERENCIAS

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola: Vozes: Paulinas: Ave-Maria: Paulus, 2006. (CIC).

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. AAS 57. 1965. (LG).

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis* (PO). AAS 58. 1966.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. Trad. Francisco Taborda. São Paulo: Loyola, 2003.

GODOY, Manoel. *Presbyterorum Ordinis: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.

LOPES, Geraldo. *Lumen Gentium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAPA BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*. AAS 99. 2007. (SCa).

PAPA FRANCISCO. *Homilia: missa do domingo do Bom Pastor*. Basílica São Pedro, Roma, maio, 2017. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2017/05/07/papa_aos_novos_sacerdotes_n%C3%A3o_senhores_mas_pastores_do_povo/1310628>. Acesso em: 16 set. 2021.

PAPA PAULO VI. Carta Encíclica *Mysterium Fidei*, AAS 57. 1965. (MF).

ZUBIRI, Xavier. *El Hombre y Dios*. 2ª Edición (1ª reimpresión, 2017). Madrid: Ed. Alianza/ Fund. Xavier Zubiri, 2012b.